

Que o inferno pareça aqui

JOÃO
ZAMITH



*Este livro pertence às Almas Penadas,
Alex Couto, Filipa Amorim e Pedro Miguel Ribeiro,
porque isto de fazer livros é melhor em família.*

«Rapazes! Nossa música divina
Capaz de estremunhar até Morfeu!
A música da festa Nicolina
Que a terra abala e desconjunta o Céu!
Mais força, se é possível, mais ferina,
Que nada não é bastante este escarcéu!
Façamos tal restolho, tal chinfrim
Que o inferno pareça aqui assim!...»

JOÃO DE MEIRA, *Pregão a São Nicolau*, 1904

«O perigo inerente a uma tradição diz-nos que um corte pode ser fatal. Não se passa um testemunho sem um estafeta. Sem a realização das Festas Nicolinas 2020, estão em perigo as Festas Nicolinas 2021 e sucessivas. As nossas Festas têm de ser realizadas.»

A Comissão de Festas Nicolinas,
em comunicado, perante as restrições impostas
por causa da pandemia de covid-19

29 de novembro

Pinheiro

«Urge dignificar as Festas e expurgá-las de desvios e maus costumes que em momentos de quebranto, maleficamente se apegaram indevidamente à tradição.»

A direção da AAELG (Associação dos Antigos Estudantes do Liceu de Guimarães), introdução à *Cartilha Nicolina*, 1998

«No início da década de 1970, a entrada do Pinheiro já era território sagrado dos velhos nicolinos. Só eles podiam tocar durante o cortejo. Até que o mastro estivesse ao alto, os novos não passavam de simples espectadores. Depois do pinheiro erguido, caixas e bombos passavam para as mãos dos estudantes no ativo. Só então começava a festa dos novos. Esta prática, afinal tão recente, era então apresentada como uma antiga tradição, que alguns interpretavam como sendo inspirada em ritos de passagem supostamente ancestrais.»

A. AMARO DAS NEVES,
«O Pinheiro, história de um mastro», 2019

«Durante toda a noite do Pinheiro, os serviços de proteção civil estão mobilizados para fazerem frente a todas as possíveis situações.»

JEAN-YVES DURAND, «A Entrada do Pinheiro», 2019

1

Guimarães inteira celebra a noite do Pinheiro com muitos urros, muitos copos, muitas baquetas de madeira a descer sobre peles curtidas num ritmo hipnótico e repetitivo, decorado por todas as crianças locais desde o berço. É importante. É a percussão da banda sonora de todas as nossas vidas, ritmo repetido ao longo da adolescência e idade adulta com as mãos em qualquer mesa de restaurante, balaustrada de varanda ou corrimão, sempre que um vimaranense é forçado a esperar uns minutos.

É uma linda coisa de assistir.

É também o palco de uma morte crua e grosseira, de que nenhum vimaranense gosta de se recordar, a de Pedro Marques Leal, ativista LGBT de vinte e nove anos, ali da Avenida D. João IV, nicolino de toda uma vida e amigo de família de Álvaro Pinto, o (pretenso) assassino em série que fez tantas capas do *Correio da Manhã*.

Álvaro Pinto era um dos mais respeitados e conhecidos cidadãos do centro da cidade. Todas as cidades pequenas têm figuras ilustres, conhecidas de todos, que circulam pacatamente pelas manhãs com o jornal debaixo do braço, pisando as pedrinhas de calçada portuguesa no Toural antes de se sentarem com vagar no Milenário para tomar um café com leite e ir à missa em São Francisco. Não há Milenário em todas as cidades pequenas? Lamentável.

Álvaro era médico e dividia o seu tempo entre o Hospital de Nossa Senhora da Oliveira e a Clínica de Guimarães, ali na Paulo VI, mesmo junto a casa. Era dermatologista do jet set vimaranense, que adorava cruzar-se com ele na rua depois de fazer o seu

retinol e (às escondidas) aquele botoxzinho da praxe. «Um gosto vê-lo, senhor Silva, que bem está, dona Fátima, passou bem?» Se calhar, pensavam que ele não reparava na pele esticadinha de hialurónico, mas certamente sentiam-se melhor assim, Deus os abençoe. Sentava-se e abria o *Expresso* para saber o que achavam os dignos colunistas sobre os assuntos mais importantes a assombrar o seu país (o Twitter) naquele dia.

Naquele dia 29 de novembro, no entanto, Álvaro não desceria até ao Milenário. Não estava ao serviço, certamente. Nenhum antigo nicolino (e Álvaro Pinto era um antigo nicolino dos quatro costados!) se esquece de guardar uns dias de férias para aquele período, mas o certo é que ninguém o viu.

O que todos viram, isso sim, foi um acumular de carros da polícia à porta da sua casa na madrugada do dia 30. Álvaro Pinto, o tão reputado e simpático médico das peles suaves de Guimarães, tinha degolado com requintes de malvadez o ex-namorado da filha.

Mas não só, dizia uma das vizinhas, cujo enteado era PSP e passava multas aos carros com matrícula francesa que estacionavam em segunda fila na Avenida de Londres, não só. A polícia achava ser ele o culpado por aquelas miúdas que foram encontradas debaixo do viaduto de Creixomil há dois anos.

Não!, pensava a outra vizinha, de roupão e rolos de cabelo vermelhos e azuis. *Certamente não o doutor Pinto. Isso havia de ser um daqueles drogaditos que paravam ali no parque do Multiusos.* A grande parte da vizinhança, conforme se ia acumulando e cochichando entre si, rapidamente foi encontrando o caminho do consenso: Álvaro Pinto? Nem pensar. Aqueles imigrantes castanhos do Bangladesh e do Paquistão? Mais provável. Não falam português, nunca se sabe.

Mal sabiam todos que haviam de atribuir ao doutor Álvaro Pinto, sócio número 1246 do Vitória, homenageado no Pavilhão da Unidade Vimaranesense pelas suas contribuições para o departamento de voleibol (exames e vistorias gratuitas na clínica para

todos os atletas dos escalões jovens), sete homicídios, todos em várias noites do Pinheiro nos últimos quatro anos.

Haveria mais?

Talvez, mas não tão fáceis de lhe atirar para o colo.

A verdade, dizia um senhor de idade por entre a neblina que exalava à porta da Clarinha numa manhã de frio, *é que, foda-se, morre sempre alguém no Pinheiro. Pois, pá*, dizia outro, com igual barriga, iguais entradas e igual casaco do Vitória, *eu, se quisesse matar alguém, era certinho direitinho. Entre os comas alcoólicos e os acidentes, alguém china sempre a cabeça numa valeta. Olha que não sei*, disse um terceiro, também com equivalente perímetro abdominal e falta de perímetro capilar (mas com um casaco da Decathlon), *anda muita moína na rua.*

Imagina que já o tive com a mão na minha garganta, terminou o primeiro, mentindo com os dentes todos. Nunca tinha ido a um dermatologista na vida e tinha os folhos encardidos para o provar.

Guimarães fervilhava. O Toural, essa praça pública feita voz coletiva da edilidade, exprimia-se. As carrinhas da televisão, forçadas pela suculência do caso a deixar o calor amniótico de Lisboa e do Porto e a deslocar-se ao «resto do país», começavam a acumular-se junto à fonte, acicatando ainda mais as línguas aguçadas dos habitantes do centro histórico. Todos queriam dizer à jornalista da RTP, com o seu microfone de pompom azul, o que achavam de Álvaro Pinto. Quase todos queriam, quase tanto, ouvir o que dizia cada um dos outros. Teria tido amigos, presumivelmente. Alguém saberia algo mais? A lenda crescia com cada declaração espontânea das pessoas que se perfilavam à frente de um jornalista. Todos já conheciam alguém que conhecia alguém que vira o médico sair de casa a meio da noite do Pinheiro. *Ninguém sai durante o cortejo! É estranho! A essa hora, quem não está na rua já não pertence à rua.* Mas mais!, mais!, toda a gente conhecia alguém que conhecia alguém que tinha feito a secundária na Xico com Júlia, a filha mais velha de Álvaro, a que vivia agora em Lisboa e tinha namorado

com o morto, Pedro (não se podia saber o nome, portanto sabia-se). Ou conhecia alguém que conhecia alguém muito amigo de Isabel, a sua mulher.

— Eu sou a babysitter do Afonso e do Óscar — disse então uma voz pequenina ao pompom vermelho da CMTV. Silêncio. Como se alguém tivesse carregado no botão do comando desde casa, a praça emudeceu.

— Então conhece bem a família? — perguntou a repórter, entusiasmada. Andava a consumir aquele caso como quem emborca bebidas brancas na noite, com medo de perder algo. A ser verdade, era a milionésima *vox populi* a reclamar conhecer os Pinto, mas a primeiríssima capaz de citar uma relação mais próxima que um «olá, bom dia» num café de merda qualquer, o Centenário, ou lá como se chamava.

— Muito bem. Durante outros anos, tomei conta dos mais pequenos, na casa deles ali ao fundo. O doutor Álvaro era um bom patrão, sempre enfiado no escritório, não chateava nada.

— E pode imaginá-lo numa situação assim? — perguntou a repórter, com a cadência instruída de muitos verões a fazer diretos na Costa da Caparica a perguntar aos banhistas que tal estava a água.

— Nem pensar. Mais depressa a doutora Isabel, a mulher.

— Como assim, mais depressa? — perguntou a repórter, sentindo a atenção do Tóral a insuflar atrás de si, conforme as pessoas se aproximavam pé ante pé, como o público de um concerto a sentir a iminente entrada da banda.

— Ela saía e entrava a horas estranhas e ninguém sabia muito bem para fazer o quê. Não trabalhava, não tinha amigos — disse a rapariga, sorrindo. — Na volta, está metida nisto, e nem a moína sabe.

— Normal! — ouviu-se uma voz grossa ao fundo. A repórter, entretanto, já tinha um cachecol do Vitória aos ombros.

A mãe da rapariga, entretanto, pousou-lhe uma mão no ombro e puxou-a. Já tinha falado demais. A jornalista desesperava por

continuar a fazer perguntas, mas não teve hipótese. Estava muito bem dar a sua dica e aparecer no telejornal, mas não queria agora que a miúda se tornasse a personagem principal daquela história. Já lhe chegava bem a cusquice normal, imaginem agora. Ai dela que fosse às compras ao Bolama no dia seguinte e a filha andasse nas bocas de toda a gente. Especialmente quando aquilo era tudo mentira. A doutora Isabel era uma pessoa perfeitamente normal. Mas não era fixe dizer coisas à CMTV? Ela entendia esse instinto.

Óscar e Afonso tinham onze e treze anos aquando da prisão do pai. Quando Afonso nascera, já ninguém acreditava que Isabel pudesse engravidar. Os colegas de Álvaro no hospital tinham-na admoestado: que irresponsabilidade. Que risco. Um bebé aos quarenta e um. Ao mesmo tempo, deram-lhe a ele um charuto. Grande macho. Se quisesse, até punha um bebé num penedo da Penha.

Imagine-se então quando, anos depois, a mesma coisa. Que irresponsabilidade. Que risco. Um bebé aos quarenta e três. E mais um charuto para Álvaro, esse viril garanhão. Imparável a distribuir a sua semente. Naturalmente, o primeiro macho varão foi batizado em sentida homenagem ao maior vimaranense de todos, o fundador da nacionalidade. O seguinte filho teve de se satisfazer com o nome de um café, mas vá, ao menos era um café importante, onde Álvaro conhecera Isabel, muito antes de trepar pelo elevador social da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto.

— Quando achas que podemos sair? — perguntou Óscar, espreitando por entre as frestas da persiana da varanda. Já não estava tanta gente na rua como de manhã. As entrevistas no Toural tinham absorvido alguns dos curiosos mais discretos, que faziam de conta estar apenas a passear pela Avenida D. Afonso Henriques acima e abaixo.

— Onde queres ir mais, tu também? — perguntou Isabel. Tinha os olhos vermelhos e a voz quebrada. Ainda não tinham passado horas suficientes para a cama a curar daquela noite. O mais

incomodativo ainda era a língua de sol que se preparava já para dar lugar à noite novamente. Conseguiria dormir? Conseguiria sequer fechar os olhos sem ver aquelas luzes vermelhas e azuis ululantes a entrar pelo quarto dentro, sedentas da sua família? Não sabia. Mas ia tentar. Nem que tivesse de assaltar outra vez a farmácia pessoal de Álvaro. Ele acharia que ela não sabia? Era rico, era. Sabia muito bem meter a mãozinha pelo alçapão do sótão e apalpar. Não seria pelas aranhas que deixaria de se pôr bem.

— Sei lá. Ir só a algum lado — disse Afonso. — Podíamos, tipo, ir ao Porto, ou assim. Ou aos *karts*.

— Sabes que a foto do teu pai está em todo o lado, certo? — perguntou Isabel. — E a minha também? Queres o quê? Humilhar-me?

Óscar olhou a mãe em silêncio. Sabia que ela não era uma mãe, tipo, normal. As cenas dela, pronto, eram as cenas dela. Mas nunca tinha batido assim tão mal. Isto já era um freakout a sério. Estavam ali fechados enquanto a polícia revirava o escritório do pai e ela nem sequer lhes dizia o que ele tinha feito.

Ou, ya, não tinha feito.

Porque aí de quem dissesse uma única palavra sem dizer antes que era tudo mentira.

Uma aldrabice.

Uma cabala! (o que era uma cabala?)

Invejosos! (de quê?)

Feliz ou infelizmente, Júlia tinha no bolso a única praça pública ainda menos fiável que o Toural: os grupos de WhatsApp dos seus amigos de Guimarães. A especulação grassava como fogo em caruma e Júlia não respondia. Sentada no sofá, fazendo que ouvia os queixumes dos irmãos, tinha desligado a função que permitia aos outros ver que mensagens tinha lido e quando se encontrava online. Tanto quanto sabiam, não aparecia na Internet desde a noite do Pinheiro.

Transparente ilusão.

Consumia as notícias avidamente, sentada no sofá, roendo as unhas com voracidade. Cada piada, cada GIF, cada link partilhado descuidadamente, entravam-lhe pelos olhos dentro como uma maré. O pai era um monstro. Um violador. Um assassino frio e calculista. Uma personagem de podcast americano de crime. Guimarães era, finalmente, o palco de uma série da Netflix, e o pai era a personagem do Kevin Spacey, o psicopata.

A grande vantagem da imediatez da Internet é a inutilidade da dúvida. Nenhuma discussão dura mais que o tempo útil de se teclar a próxima, portanto, nada sobrevive o suficiente para carecer de verificação, construindo-se as narrativas com base em coisa nenhuma e alimentando-as com nenhuma coisa até ganharem corpo suficiente para existirem por si próprias. Não é claro ainda se as narrativas nativas da Internet podem ser conduzidas por uma vontade, ou até se têm necessária ligação com a realidade, mas isso não as torna menos consequentes. As certezas que Júlia lia naqueles grupos, encavalitadas umas nas outras, sem espaço, sem tempo, sem referências nem chão, existiam. No telemóvel e nela também.

— Podemos ao menos jogar? — perguntou Óscar. Ainda não tinha aberto a boca.

— Offline — disse o inspetor Sousa, que os acompanhava como uma sombra desde os interrogatórios a que tinham respondido madrugada dentro.

— Yep — disse Júlia.

Todos olharam para ela, que ainda não tinha tirado os olhos do monitor do telemóvel. Já tinha visto as contas dos irmãos partilhadas por meandros algo insalubres. Não fazia tenções de lhes dizer, até porque as suas próprias contas, de maior responsabilidade que Fortnite ou Minecraft, também por lá andavam. Era marcada constantemente em stories e publicações. A Internet ansiava por um tributo.

Se até a cabra da babysitter se tinha tornado viral, podia apenas imaginar se ela dissesse algo. Mas também porque é que aquela

gaja tinha de ter falado? Era assim tão fixe ter a cara espalhada pelas stories de toda a gente? Os quinze minutos de fama da era digital eram como cocaína. Mais rápidos, mas mais intensos. Porra, ela tinha jantado com eles àquela mesa a ver desenhos animados.

Júlia tinha várias dezenas de mensagens por ler de Ema, Luís e António. O grupo dos cinco (agora quatro) não tinha parado de acender nas últimas quarenta e oito horas. Teria coragem de os ler? Que se tivesse apercebido, nenhum dos três tinha dito nada nos grupos maiores, onde estava mais gente. Teriam eles dúvidas? Júlia não sabia como reagir às opiniões daqueles três. Conheciam o pai, conheciam Pedro tão bem como ela. Conheciam o Toural, depois do seu exílio lisboeta, bem melhor. Tinham estado com ela na noite do Pinheiro.

Abriu as apps de encontros. Tinha vinte e nove anos e dedo para a fotografia, portanto, nunca fora difícil garantir uma quantidade razoável de homens seminus nas suas mensagens, com piadas recicladas pela inteligência artificial e fotografias a alternar entre o bucólico (com cachorrinhos e sorrisos beatíficos) e o divertido (com um copo na mão, na noite). O difícil era sempre conversar com eles para além dos elogios à sua sensualidade e/ou o mais recente resultado do Benfica. Pôs a mão no ventre, num gesto irrefletido, de que se arrependeu imediatamente ao cruzar um olhar com a mãe.

António tornou a ligar-lhe. Ela inspirou fundo, aquele ar parado de uma casa fechada há dias, aquele suave miasma de quem não leva o lixo ao ecoponto há um bocadinho de tempo a mais. O radiador queimava uma fina camada de pó e deixava uma nota menos desagradável no ar, misturada com o tabaco antigo que vivia no sofá. Não se ouvia nada, com todos os quatro em silêncio. Apenas o teclar suave de Óscar no comando da consola. *Tic tic tic*. E agora o vibrar do telemóvel dela. *Bzz bzz*. Afonso viu o nome de António no monitor e olhou-a nos olhos. Júlia não entendeu muito bem aquele olhar, mas sentiu-se desconfortável

o suficiente para ocultar o telemóvel. Estavam todos a ficar malucos enfiados ali. Isabel, sentada no sofá, olhava para além da televisão, com um cigarro enfiado na boca, apagado, e o cabelo apanhado. Também ela tinha o telemóvel pousado em cima do joelho. A separação física do telemóvel é impossível, ele deve estar sempre em contacto com o corpo.

Júlia respirou fundo e levou o seu até ao quarto, um santuário imperfeito de outra era da humanidade, quando Korn e Deftones eram bandas fixas e jovens, antes de fazerem o percurso inevitável de todo o rock n' roll de sinónimos de rebeldia e desumanidade para coisas mansas de pai e mãe. Álvaro e Isabel nunca tinham feito alteração alguma àquele espaço dela, e ela gostava de manter intacto um canto da sua vida passada. Ali dentro, Pedro ainda era vivo, provavelmente ainda gostava dela e queria muito vê-la nua. Os seus livros estavam intocados, nas mesmas prateleiras e na mesma ordem. Até a roupa da cama era a mesma. Sempre achara romântica esta decisão. Esta incapacidade dos pais de a substituir por um ginásio doméstico ou uma sala de croché.

Atirou o telefone para cima da cama, onde continuou a gemer e a estrebuchar. Agora ia ser assim? Feita chalupa, a tentar decidir cada gesto, cada contacto, de acordo com as motivações secretas do pai? Foda-se.

Pegou no telemóvel com um gesto brusco e soltou um «'Tou?»

— Eu sei que não queres falar, mas, olha, vamos fazer uma vigília pelo Pedro. A polícia deixa-te sair? Estamos à porta da tua casa.

O último momento em que todos viram Pedro foi pouco depois de saírem do restaurante, na noite do Pinheiro. Júlia já não o via desde antes da pandemia e não sabia se estava preparada para lhe dizer que estava grávida. Queria dizer-lhe. Porquê? Não estavam juntos há anos. Estava quase casada, com um homem lisboeta tão preocupado com dinheiro que sacrificou a sua vida à consultora KPMG. Mas era assim o tecido da realidade que os unia, esticando e contorcendo, cheio já de vergões e carquilha, mas com todas as fibras intactas. Quando arranjava namorada pela primeira vez na universidade, Pedro tinha-lhe ligado para contar em pessoa, antes mesmo de fazer o post sentimental no Instagram com a música do Ed Sheeran a embalar as fotografias. Precisava de sentir na voz dela que, por muito que já não contasse, ainda contava. Ao descer a Alameda na noite do Pinheiro, com a mão passando a cada minuto na frente do casaco, ela queria o mesmo. Queria que lhe doesse um bocadinho aquele bebé não ser dele. Não muito. Não muito. Se ele reagisse mal, Deus me livre, ia-se esconder numa caverna na Penha, mas... um bocadinho. Uma sombra por detrás dos olhos quando lhe desse os parabéns seria suficiente.

Não tivera tempo de o fazer.

António e Luís esperavam por ela à frente da garagem. Tinha sido interrogada pela polícia durante toda a noite de 29 para 30, mas agora tinha autorização para viver a sua vida. O inspetor Sousa, criatura sinistra e manipuladora que lhe tinha tentado dar a mão enquanto a tentava fazer tropeçar nas perguntas, deixara claro que não queria que sáísse de Guimarães, mas de resto podia andar à vontade.

Para já.

Mandou mensagem aos amigos para que entrassem com o carro na garagem. Não queria ser fotografada assim, mesmo tendo a cara pendurada pela Internet inteira. Mas eram fotos suas, que ela própria tinha postado num momento ou outro. Podia estar a ser vista contra a sua vontade, mas ao menos estava a ser vista como se escolhia apresentar. Não tinha interesse nenhum em disseminar pelas redes aquela Júlia cheia de medo, confusa de dor, portanto, entrou no carro e agachou-se atrás do banco de Luís. Durante algum tempo, havia de ser ela a duvidar sobre quem chamava para o interior daquela desordem. Aqueles dois, dos três que restavam, podiam ver um bocadinho. Uma lágrima. Duas ou três, vá.

Que bonitos estavam na noite do Pinheiro. Encontrara-os ao fim da Alameda, à espera em frente à Supremo Gosto, pastelaria porreira e ponto de encontro perfeito. Luís, baixinho, com a carapinha enrançada, enfrentava com coragem o frio nas orelhas. Todos gostavam de Luís, pelo menos enquanto Luís não era demasiado Luís. Quando começavam a suspeitar que as suas histórias pudessem aparecer na Rádio Santiago, nalgum segmento cómico com sons engarrafados, menos.

«A rádio local mais ouvida do país», sorria ele sempre. Seria? Nenhum vimaranense saberia ao certo, mas já tinham ouvido o *jingle* tantas vezes, que não se atreveriam a questionar os poderes demiúrgicos de Luís, capaz de materializar qualquer comentário em facto.

Não que Luís merecesse tão perigosa fama. Era um doce ser humano, com serena disposição e curiosidade gentil. Só difamava realmente quem o merecia, e isso não é pecado.

Ao lado dele, Ema, com um gorro cor-de-rosa e bochechas da mesma cor. Um autêntico peluche recheado de maus fígados e uma língua viperina, que faria tremer os estúdios se lhe fossem conferidos os poderes de Luís. Era também a única adulta do grupo, uma mãe emprestada para quase todos, a mais responsável ali presente e a voz da consciência do grupo.

Pedro e António, mais inseparáveis que irmãos, completavam aquele grupelho de imprestáveis, igual a tantos outros que jorravam das veias da cidade para as suas ruas naquela noite, espalhando a sua mesmice. Nada tinham de notável nem queriam ter. Naquela noite, queriam esconder tudo o que os distinguisse por detrás das caixas e dos bombos, debaixo dos gorros de campino e dos lenços vermelhos.

Tum tum tuntutum

Tum tum tuntututum

Pedro e António, não nos esqueçamos deles. Júlia gostava especialmente de Pedro, alto e desengonçado, com a mesma escovinha de cabelo que tinha sido moda em 2005 na Escola Secundária Francisco de Holanda e o mesmo sorriso malandro que a tinha seduzido na mesma altura. António, mais baixo, mais frágil, mais escondido nas entranhas de si mesmo, vivia numa suave sombra, confortável por dificilmente levar com o sol nos olhos. Naquela noite, os adultos podiam ser adolescentes de novo. O Pinheiro ajudava o tempo a voltar para trás.

Júlia, escondida no banco de trás, estendeu uma mão para a frente e agarrou o braço de Luís, que se sentiu a encolher antes de se obrigar a relaxar. Poderia tocar em Júlia? Alguma vez lhe teria tocado? Dançou com os dedos nas costas da mão dela e sentiu a mistura doce do seu perfume com o interior do carro, ainda impregnado do suor e do cansaço de uma noite passada a esmurrar tambores de pele de vaca. Sentiu a malha da manga da camisola dela na ponta dos dedos como se fosse Braille. Que saudade. Saudade de quê, afinal? *Weltschmerz*¹, talvez. Saudades do que não existiu nunca.

¹ Palavra do romantismo alemão. Traduzida diretamente como «dor do mundo», refere-se ao desconsolo que sentimos quando confrontados com a impossibilidade de a realidade alguma vez corresponder ao que imaginamos possível. (N. da E.)

— Já estamos longe que chegue? — perguntou a Antónia, ao volante.

— Sei lá. Para onde estamos a ir, sequer?

— Qualquer lugar que não seja a minha casa. Estava a chegar uma carrinha da RTP, viste? — disse Júlia, segurando a mão de Luís.

— Oh, pá, ya. Logo na puta da única noite em que metem cá os cotos — disse António, acelerando em direção a Covas.

Havia de descer sobre Júlia o que estava a acontecer. Não nessa noite, mas nos dias seguintes. O pai era uma figura mitológica da cidade. Não era segredo que vinha havendo muitas suspeitas sobre a noite do Pinheiro. Era uma noite insegura, com certeza, com o hospital a trabalhar a todo o vapor, mas desde a pandemia estava pior. Havia mais mortes. Já três pessoas diferentes tinham sido encontradas nas margens do rio Ave, com lesões difíceis de explicar. Estranhos acidentes de carro, violentos. Demasiada violência, talvez.

Talvez.

Júlia desencostou-se de Luís, que soltou um quase-suspiro, que ela fez de conta não notar. O pai estava preso. Não sabia quando poderia falar com ele. Não sabia se poderia falar-lhe de todo. Nem saberia, sequer, o que lhe haveria de dizer se lho permitissem. Não sabia falar com o pai, em boa verdade. Sabia mantê-lo a falar. Sabia jogar um jogo com ele, em que soltava palavras e frases específicas, que o deixavam confortável e calmo o suficiente para perorar sobre os temas que mais o cativavam, como literatura espanhola do século XIX (Espronceda! Zorrilla! Pardo-Bazán!) ou canetas de tinta permanente (*Faber-Castell! Carran d'Ache! Lamy!*), mas essas conversas pouco mais eram que exercícios cuidadosamente coreografados desde muito nova, sem nunca cometer o erro de introduzir na dança algum passo demasiado revelador. Enquanto o pai achasse que falavam regularmente, podia sentir-se segura de que não investigaria demais, que não procuraria informação para além daquela que quisesse partilhar.

Tinha sido um bom treino, uma preparação apta para relações futuras, onde o visível de Júlia era curado com igual esmero, não fosse algum amigo ou namorado foçar demasiado perto e encontrar algo feio.

Sentiu-se ainda mais ridícula por ter perdido o controlo. Pensava no pai como uma pessoa normal, com os seus motivos e mistérios próprios, mas essencialmente lá. Essencialmente presente. Essencialmente capaz de falar com ela de um lugar de humanidade e calor. Pensava que era ela quem estava quebrada, feita de matérias frágeis e pobres, mas que o pai era uma pessoa inteira.

Afinal, talvez não. Afinal, talvez o pai ainda estivesse mais longe que ela de ser pessoa. Tocou na barriga enquanto António conduzia. Subiam em direção a Urgezes.

— Onde vamos? — perguntou Ema.

Ema já não vivia em Guimarães. Viajava ao lado de Júlia, em silêncio, desde que entraram no carro. Já mal falava com eles, tanto quanto Júlia sabia. Estava enervada. Queria voltar para o Porto. Sentia que se esgotara o efeito narcoléptico do reencontro e já não era Pinheiro. Já não estavam a divertir-se, e ela tinha um marido em casa, que tinha sido impecavelmente compreensivo ao saber do desaparecimento (morte, afinal?) de Pedro, mas que certamente não queria que a mulher, aos trinta anos, fosse agora recriar uma espécie de *Clube das Chaves* contemporâneo com os colegas de liceu, especialmente com a filha do presumível assassino. Estava desconfortável.

Queria ir para casa.

— Penha. A esta hora, aposto que não está lá ninguém — disse António. Era um instinto, mais que outra coisa qualquer. Desde que tirara a carta, fugia para a Penha com regularidade. No alto da montanha respirava-se melhor, era mais fresco no verão e raramente havia confusão, especialmente ao pé da estátua do Pio IX.

Foram subindo por entre o arvoredado, e todos pensavam uma variação da mesma coisa: teria morrido alguém ali? Naquela

estrada de montanha, estreita e íngreme, teria o pai de Júlia esperado agachado por um carro de namorados ou jovens em busca de um lugar escondido para embaciar os vidros?

Nenhum deles tinha sequer parado para pôr em causa a culpa de Álvaro. Tinham aceitado bem a premissa da narrativa em que se viam inseridos. Fora ele. Pedro estava morto. Agora cabia-lhes fazer sentido desta nova configuração do mundo, mas não questionar-lhe os alicerces.

António não parou o carro até chegarem à zona dos cafés e restaurantes da Penha. Continuou a subir até chegarem ao Pio e estacionou a um canto. Todos já tinham subido até ali nalguma noite de adolescência, àquele lindo miradouro iluminado pelos focos voltados para a estátua do único papa a alguma vez visitar Guimarães.

— E agora? — perguntou Ema.

Júlia saiu do carro. Sentiu que ia vomitar. Luís segurou-a e estendeu a mão para lhe segurar o cabelo, mas ela afastou-o, pondo as duas mãos sobre a balaustrada gelada do miradouro. A vida dela era em Lisboa, mas as luzes de uma Guimarães já quase estranha estavam ali, a seus pés, a clamar por ela. Os três amigos que lhe restavam rodeavam-na, como um estranho séquito enlutado. Eram um cãozinho coxo, órfãos de Pedro, carentes dele e da sua liderança. Tinha sido o pai dela a fazer aquilo, e não era claro para Júlia que pudesse simplesmente deixar aqueles nervos expostos e fugir. O metal gelado estava a dar-lhe coragem. Não tinha nada em Lisboa, de qualquer forma. Nada que importasse. Nada que não se pudesse reverter. Pelo menos, achava que não, pensou, tocando novamente o ventre. E, se tivesse, estimava bem que se fodesse. Que viessem atrás dela uma vez na vida.

— O que sabemos sobre o Pedro? — disse António, como quem começa uma reunião, sem se virar para nenhum dos outros.

— Sei lá, não sei. Sabemos o mesmo que toda a gente, acho eu. Foi encontrado morto e, bom, a polícia prendeu o pai da Júlia — disse Ema.

— Luís?

Luís tinha ficado um metro atrás dos outros, com as mãos nos bolsos do sobretudo, procurando pelo isqueiro. Levantou os olhos, já com um cigarro entre os lábios. Não tinha grande vontade de dominar aquela conversa. Pá, a ideia era tirar Júlia de casa, fazer-lhe uma beca de companhia e esperar que o caos amainasse. Ema queria bazar, de qualquer forma, e não era como se Júlia fosse ter férias para sempre.

— Ó Júlia, é assim... — começou por dizer.

— Não me venhas com cenas. De certezinha que já pegaste nisso para o jornal e eu sinto o teu telemóvel a arder. É o Pedro. Fala só.

— Pá, o corpo que se pensa ser do Pedro foi encontrado decapitado no Parque de Ponte, na margem do rio. Não faço ideia de como a polícia o associou ao teu pai. Sei que estavam à cata dele e foi dentro mal pousou em casa. Também não sei porque o deixaram entrar de todo.

— O corpo que... se pensa ser do Pedro?

— As roupas são dele, os documentos também, mas, sem cabeça, a verificação tem de ser feita com as impressões digitais. Presumo que a esta hora já esteja fechado, mas, pá, não garanto. Júlia?

Júlia tinha pegado no telemóvel e afastava-se deles.

— Elisabete? — disse.

— Ei, meu, não faças isso — disse Luís. Elisabete era a irmã mais nova de Pedro. Não seriam próximos, mas todos a conheciam.

— Júlia! — disse Ema.

Mas ela não queria saber. Elisabete era uma amiga. Tinha-a ajudado a esgueirar-se para o quarto do irmão mais do que uma vez. Era uma fera. Tinham gamado cigarros no quiosque junto à Xico mais do que uma vez.

— Sim — disse ela, do outro lado. Tinha a voz embrulhada do choro, mas firme.

— Diz-me se é verdade.

Os outros calaram-se. A noite absorveu todo o som e fez dele pó de luz, com as estrelas a esperar também pela resposta de Elisabete, algures lá em baixo, escondida pelo brilho de uma lâmpada qualquer.

— Sim. A polícia já ligou a confirmar. O velório é amanhã.

— OK — disse Júlia. Os outros não disseram nada. Há dez minutos, achavam que sabiam que Pedro tinha morrido. Agora sabiam que sabiam, e isso era outra coisa.

— Júlia? — ouviu-se Elisabete do outro lado.

— Hum? — respondeu ela, sem saber, naquele momento, das palavras.

— Diz-me também se é verdade.

— Não sei.

Queria completar a frase de outra maneira. A mãe saberia dizer-lhe que não, que era tudo mentira. A polícia achava que sim. Os irmãos achavam que era uma cabala. Ela não achava nada. Sabia lá. Sabia que era implausível, mas também sentia que era inevitável. Achava? Sentia? Sabia? Tudo o mesmo. Distinções sem diferença. Tudo a mesma palavra com letras diferentes. Saussure precisava de rever a sua teoria à luz daquilo. Mas e daí não, porque ao levantar a voz só lhe saía:

— Não sei.

— Amanhã não venhas, OK?

— OK. — E cumpriu. Nunca mais falaria com Elisabete na vida.

1 de dezembro

Novenas

«Homens não choram — ou, melhor, só podem chorar em certos momentos muitos bem identificados e delimitados pelas normas culturais. Velhos Nicolinos confiam com frequência que, além de um resultado excecional do Vitória, uma evocação dos tempos idos da sua passagem pela Comissão é uma das poucas situações que os levam a verter uma lágrima.»

JEAN-YVES DURAND,
«O Baile: a saudade antecipada», 2019

«Pela primeira vez, marquei aqui a minha presença; não faltarei a outras que se realizem, porque — recordar é viver, e eu quero, ainda, viver!»

MANUEL DE BOAVENTURA, estudante do Liceu de Guimarães
em 1899, *Notícias de Guimarães*, a propósito do jantar
de confraternização do Pinheiro de 1959

As Memórias Póstumas de Pedro Leal

Desci a Alameda, com barretes de nicolino a passarem-me pela esquerda e pela direita, crianças a baterem nas suas caixas em aproximações pouco viáveis do ritmo do Pinheiro Novo, o ar gelado a entrar-me pelo cachecol dentro e, à minha frente, uma névoa boa de vapor de água.

Junto à fonte, no alto do Largo de São Gualter, os meus amigos. Esses mesmos que saíram de casa da Júlia ainda há umas horas e que se esforçam tanto por me lembrar. Esses mesmos que não sabem que aqui onde estou o tempo já não faz sentido. O Pinheiro foi há meia dúzia de dias, o Pinheiro foi ontem, o Pinheiro ainda aí vem. Agora, olhando para eles no começo da história, quase parecem pessoas diferentes. Naquela tarde, pareciam-me todos muito lindos, cheios de vontade de ir para a rua fazer de conta que a adolescência em Guimarães se recupera todos os invernos.

Tinham todos as suas respetivas caixas, verdes, vermelhas e douradas, cheias de autocolantes de Nicolinas passadas. O António, magro e desengonçado, com a barba por fazer. A Ema, com um gorro azul-bebé da *Bluey*, porque para os jovens pais os desenhos animados são vida. O Luís, com um casaco da neve, porque quem cresceu na Guiné não tem vida para as temperaturas do Minho. E a Júlia.

A Júlia.

Que maravilha. Que bom ter vindo. Corri para ela e abracei-a, pequena, junto ao peito.

Será que se eu deixar umas linhas em branco o leitor entende que me demorei aqui? Como é que os escritores de romance

fazem isto? Passar para o leitor a hesitação, a ansiedade, a ambiguidade de escrever sobre estas coisas primeiras quando já sabemos como elas vão acabar?

A casa estava às escuras quando Júlia chegou. As carrinhas das notícias estavam paradas ao longo da Avenida D. Afonso Henriques, mas se havia algum fotógrafo de plantão, tinha sido esquiva o suficiente para o iludir, entrando em casa sossegadamente. Muito mais não podia pedir. Ao pousar a porta delicadamente no trinco, sentiu logo o cheiro de tabaco.

O pai fumava, a mãe não.

Lembrava-se das volutas bruxuleantes na luz que escapava pela frincha da persiana da sala ao entrar a meio da noite. Já não as via há anos, mas estava a vê-las novamente. O silêncio pesava-lhe, e sentiu um arrepio subir-lhe pelas costas acima. Engoliu em seco e desejou chamar pelo pai. Não o via há menos de dois dias, mas sentia que não o via desde sempre. Poderia ele estar em casa? Quis chamá-lo, mas sentia-se paralisada.

— Pode entrar, Júlia — ouviu então. Não era o pai. Era Sousa, o inspetor da Judiciária, que fumava em plena sala dos pais.

Júlia entrou, pé ante pé. Sentiu a casa vazia. Os irmãos e a mãe não estavam lá.

— Antes de mais, queria pedir-lhe desculpa por uma estratégia que poderá parecer pouco convencional. — Júlia não disse nada. — Temo que o acesso à vossa casa possa ficar condicionado durante alguns dias, e pedi à sua família para não lho dizer imediatamente.

— Certo.

— Está um carro à porta para a levar a casa dos seus avós, onde a sua mãe está com os seus irmãos.

— E porque não tivemos esta conversa antes de eu sair?

— Pelos motivos óbvios.

Sousa estava a medir cuidadosamente as palavras. A Polícia Judiciária poderia ter os seus defeitos, mas, nas artes da manipulação e gestão emocional dos pobres desgraçados a quem precisam de espetar umas gáspeas, eram exímios. Sousa estava perante uma situação difícil. Tudo o que sabia sobre os crimes sugeria que Álvaro Pinto seria, não só o responsável, como um dos psicopatas mais perigosos com quem já tinha contactado. E, no entanto, ao mesmo passo, todas as evidências físicas que tinham podido recolher na cena do crime sugeriam que era absolutamente impossível ele ter realizado algumas das façanhas implícitas.

Pelo menos sozinho.

Sousa já tinha gerido uma quantidade razoável de casos (não muitos com aquela complexidade, ou tão parcamente documentados pela PSP/GNR no seu historial) e gabava-se de ter alguma facilidade em ler as pessoas. Do que tinha conseguido perceber daquela família, a mãe não sabia nada de nada. Os miúdos eram demasiado novos, portanto, mesmo que soubessem alguma coisa, estaria embrulhada num novelo de culpa e confusão que custaria a destrinçar. Júlia interessava-lhe. Estava na retranca com ele desde a primeiríssima hora, o que tanto poderia significar preconceito ideológico com a polícia, defesas em relação ao pai, ou, de muito mais interesse, culpas no cartório.

Portanto tinha decidido deixá-la ir falar com os amigos, com um agente atrás, para poder tornar a entrevistá-la ali, naquele sítio, sozinha, a meio da noite, numa jogadinha barata para a desequilibrar.

— Posso mostrar-lhe uma coisa muito interessante que encontramos durante a tarde?

Júlia voltou a não lhe responder.

Caminhou atrás de Sousa lentamente, até ao escritório do pai. Aquela sua mãe sempre tão preocupada não sabia de nada? Ela não dormia se Álvaro não estivesse em casa. Poderia não saber? Seria isso sequer plausível? Poderia Júlia acreditar?

O escritório ainda cheirava ao tabaco do cachimbo de Álvaro. Júlia olhou para a mão de Sousa, mas ele tinha deixado o cigarro no cinzeiro da sala. Aquele odor quente e seco, tão diferente do dos cigarros, Júlia associava à juventude. Cheirava a casa, ao conforto de ter o pai àquela secretária, o lugar onde lhe ensinara a escrever. Agora, os seus livros estavam espalhados em pilhas, organizados pela polícia, com fitas espalhadas e marcações a giz. Ironicamente, a única pessoa que lhe poderia dar conforto naquele momento era ele. Com o mundo quebrado, ela ligar-lhe-ia a perguntar sobre o mais recente Prémio Alfaguara. Não lhe deixaria ver as rachas, mas a voz suave dele ajudaria a aproximar outra vez as placas. Ele era a cola.

O patriarcado é foda, hein?

Júlia, insegura perante a passividade de Sousa, que apenas a observava, pegou num dos cachimbos do pai, pousados numa estante. Voltou a pô-lo no sítio e espreitou o telemóvel.

A mamã está a fritar. Socorro, meu

Julz, anda embora, fds. A mamã tá toda fucked up. Sem noção

Era tarde. Já toda a gente sabia. Ela levantou os olhos para Sousa, que continuava a observá-la em silêncio. Não sabia o que queria aquele desgraçado, que começava a odiar com uma raiva malsã que não sabia sequer ter dentro de si. Apetecia-lhe abrir o Tinder e passar uma hora a ver as fotos de pila que os homens lhe mandavam contra a sua vontade só para cultivar aquele ódio.

— Diga lá, então.

Sousa pegou no cachimbo do pai e cheirou-o. Ela queria atirá-lo pela janela.

— Quando estivemos aqui de tarde, procurámos com algum cuidado por algo que pudesse implicar diretamente não só o seu pai, como todos vós. Faz parte do trabalho, como certamente

entenderá. Foi por isso também que vos convidámos a vir connosco à esquadra, para ouvirmos as vossas versões dos últimos dias sem poderdes conversar e alinhar uma história entre vós. Entende, certo? — disse Sousa. Queria que Júlia soubesse que a estava a tentar apanhar. Queria ativar nela uma emoção qualquer que a levasse a cometer um erro.

— Entendo muito bem.

— Portanto certamente achará fascinante descobrir que foi ao mexer no material de fumo do seu pai, no qual pegou mal entrou nesta sala, que encontrámos isto. Estava dentro da caixa onde ele guardava o tabaco, os fósforos, *et cetera*.

Sousa passou-lhe um pequeno envelope. Na frente:

Júlia, 29/11/2024

Um envelope com estas letras enormes, grafadas a tinta azul na caligrafia cuidada do pai. Ela estendeu a mão e pegou-lhe. Era leve. Teria uma ou duas páginas no interior, no máximo.

Não me procures, não insistas, não perturbes o que descansa.

Deixa isto acabar comigo.

Por favor.

O teu pai,

Álvaro

Apenas aquilo. Nada mais. Sentiu uma lágrima cair do olho esquerdo. Apenas uma. Nada mais.

Todos os anos, a cidade de Guimarães sai à rua em peso para rufar caixas e castigar bombos.

João Zamith regressa para nos contar a história de Júlia, uma jovem cuja vida se desintegra quando o corpo do ex-namorado aparece e o seu pai, Álvaro Pinto, é o principal suspeito.

As notícias, os grupos de WhatsApp e os diretos em stream repetem as certezas sobre o que se passou. Surge um padrão mais antigo e sombrio: várias mortes inexplicáveis ligadas às noites do Pinheiro, nas festas Nicolinas. O inspetor Sousa começa a desconfiar de que a verdade é mais complicada.

Entre a pressão mediática, o aproveitamento político e as memórias fragmentadas de um morto, João Zamith combina elementos de folk horror, policial tradicional e thriller.

«Nem a amizade ou a tradição conseguem impedir
a escuridão de brotar em Guimarães.

Entre bombos e proibições, legados intemporais
e o desenraizar dos fantasmas, esta história invoca
o poder da memória e da pertença, dentro do tempo que
por dentro devora uma comunidade, onde nem os heróis
são perfeitos, nem os monstros são absolutos.

Um livro para nos olharmos ao espelho e vermos quem,
de verdade, somos.»

Fernando Ribeiro



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-077-4



9 789895 960774